

BISSEXUALIDADE COMO POSSIBILIDADE EM *LUZES DE EMERGÊNCIA SE ACENDERÃO AUTOMATICAMENTE*, DE LUISA GEISLER

Isadora Maria Santos Dias¹

Resumo: Usando como base teórica as epistemologias recentes sobre bissexualidade, a ideia de apagamento bissexual, elaborada por Kenji Yoshino (2000), e o panorama sócio-histórico da bissexualidade, na dissertação de Elizabeth Sara Lewis (2012) será analisada como se apresenta esta orientação sexual no romance *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*, de Luisa Geisler (2014). Buscando com isso, entender a quais perspectivas de bissexualidade o romance se aproxima e quais os possíveis efeitos do tipo de representação nele contida.

Palavras-chave: romance brasileiro contemporâneo; bissexualidade; Luisa Geisler; *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*;

Introdução

Em seu texto intitulado *O corpo e a sexualidade*, de 2007, Jeffrey Weeks procura, a partir do construcionismo foucaultiano, marcar os aspectos históricos e sociais na formação e compreensão de tais conceitos. Ao fazê-lo, Weeks marca hetero e homossexualidade como sexualidades construídas uma a partir da outra, sendo a heterossexualidade tida como o padrão, o “normal” que, entretanto, só se conceitua a partir do desviante e “anormal” ou da homossexualidade.

Ao apresentar um panorama a respeito de como conceitos como corpo e sexualidade são atravessados e determinados por gênero, classe e raça, Weeks propõe uma análise histórica deles, explicitando o fato de que estes são culturalmente localizados e organizados. Colocando, portanto, sexualidade e corpo como categorias discursivas, ou seja, mesmo os estudos biológicos sobre corpo e sexualidade são discursos ligados a práticas e crenças sociais do que é ciência e biologia. O importante cruzamento de corpo e sexualidade com gênero, classe e raça, deixa de lado, porém, aspectos que dizem respeito à própria constituição física e mental deste, como deficiência e sexualidade de pessoas com deficiência.

¹Graduada do curso de licenciatura em Letras, da Universidade de Brasília. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura - PósLit, na Universidade de Brasília. E-mail: isadoras.unb@gmail.com

Ao longo do texto, o autor indica a tendência de movimentos sociais em reivindicar por espaços políticos e sociais de representação. Weeks fala na “emergência de uma nova política acerca da sexualidade (2007, p.46)”, emergência essa trazida, principalmente, pelos movimentos feministas e de liberação gay e lésbico. Ressaltando, nesse sentido, que a noção masculina e heterossexual de corpo sexual e sexualidade tem sido questionadas por estes movimentos. E, indicando uma forte ação no sentido do entendimento das sexualidades como diversas.

No tópico *Identidades sexuais*, Jeffrey Weeks argumenta sobre as normas e padrões de sexualidade e de como tais normas se modificaram ao longo da história ocidental. Além de, ressaltar a vigilância social em relação a sexualidade dos indivíduos, citando como efeito disso o desenvolvimento das “ciências do sexo” ou sexologia entre os séculos XIX e XX. Nesta perspectiva, a eugenia, higiene e controle de natalidade seriam as justificativas, na época, plausíveis para a determinação do que era sexualmente aceitável e “normal” (heterossexual) e o que era tido como desviante e “anormal” (homossexual).

Weeks indica uma tendência no aumento dos estudos e políticas por representação da diversidade de identidades sexuais, essa diversidade, contudo, não se faz presente na construção do próprio texto. Apenas homossexualidade e heterossexualidade são apresentadas e amplamente explicadas no desenvolvimento do argumento, como se fossem essas as únicas possibilidades de expressão sexual.

Ainda que afirme que “nosso senso comum toma como dado que esses termos demarcam uma divisão real entre as pessoas: há “heterossexuais” e há “homossexuais”, havendo um outro termo para aquelas que não se ajustam exatamente nessa clara divisão: “bissexuais”(2007, p. 63)”, como forma de marcar que a diversidade sexual está para além do senso comum, o autor sequer menciona outras formas de expressão de sexualidade ao longo do texto. E, ao fazê-lo contribui, em alguma medida, para o apagamento e invisibilização dessas outras experiências não heterossexuais, mas não necessariamente homossexuais, como é o caso da bissexualidade.

É por meio discursivo que a prática de apagamento e invisibilização se faz concreta. O discurso médico que relaciona toda e qualquer diversidade sexual ao desvio e à doença não está descolado da sociedade, mas sim à serviço de uma sociedade que

tem como padrão de aceitação e normalidade a heterossexualidade. O discurso que compreende identificação, atração romântica e/ou sexual como possível apenas se relacionada a um, e somente um, gênero, é suporte para uma sociedade que, provavelmente, exclui e violenta pessoas que se atraem, relacionam e se identificam para além de uma lógica binarista e, por vezes, limitante de gênero e sexualidade.

Em *The epistemic contract of bisexual erasure* (em tradução livre do inglês *O contrato epistêmico de apagamento bissexual*), publicado em 2000, por Kenji Yoshino, o apagamento epistêmico da bissexualidade é definido, grosso modo, como a invisibilização sistemática por meio de mecanismos sócio históricos, políticos e discursivos que tornam a bissexualidade uma forma impossível e distorcida de identificação e expressão sexual. O mesmo autor ressalta que a bissexualidade é apagada não porque não existe, mas porque o discurso de invisibilização serve a uma matriz monossexual.

O que Elisabeth Sara Lewis, em sua dissertação *“Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais*, define como o modo como

As pessoas que se identificam como bissexuais (e as pessoas que são identificadas como bissexuais por causa de suas práticas sexuais) muitas vezes são o alvo de discriminações duplas. Frequentemente sofrem discriminações por pessoas que se identificam como heterossexuais e pelas que se identificam como homossexuais, por não se enquadrarem dentro das categorias binárias normativas da sexualidade: ou heterossexual, ou homossexual. Desta maneira, as pessoas que se identificam ou são identificadas como bissexuais frequentemente experimentam pressões para se normatizar vindo de ambos os lados do binário heterossexual/homossexual (LEWIS, 2012, p. 35).

Assim, este embate entre forças monossexuais, ou seja, de pessoas que se atraem e se relacionam amorosa e/ou sexualmente por apenas um gênero, acaba por violentar e, por diversas vezes, apagar a bissexualidade.

A ausência de representação e marginalização de determinados grupos diz não apenas sobre eles, mas, principalmente, sobre os grupos que detêm o poder de falar e representar por outros. Ou melhor, são os grupos hegemônicos e detentores da fala que representam, criam imagens e ideias sobre tudo aquilo que não lhes é conveniente.

Em relação à bissexualidade, o discurso hegemônico se concretiza, por exemplo, na medida em que personagens bissexuais representados na mídia televisiva são tidas como promíscuas, “predadoras sexuais insaciáveis”, indecisas ou são lidas como gays ou lésbicas a partir do momento que passam a se relacionar com alguém do mesmo gênero.

Anualmente é divulgado o relatório *The Where We Are on TV? (Onde nós estamos na TV?* em tradução livre para o português), produzido pela Organização Não Governamental GLAAD, especializada em monitoramento das representações da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, LGBT, na mídia. A partir de dados estatísticos, o relatório investiga a diversidade em séries televisivas produzidas pelos maiores estúdios dos Estados Unidos da América.

O estudo revelou que, no período 2015-2016, dentre as 70 personagens LGBT, presentes nas principais séries de televisão, dos canais de TV aberta NBC, Fox, ABC, The CW e CBS: 12 são mulheres bissexuais (17%) e 2 são homens bissexuais (3%); 23 são lésbicas (33%); 33 são gays (47%). Totalizando 20% de personagens bissexuais, e 80% homossexuais. No relatório do ano seguinte 2016-2017, houve um aumento de 20% para 30% de personagens bissexuais. Contudo, a representação negativa se manteve.

Ainda de acordo com o relatório da GLAAD (2015, p. 26), as personagens bissexuais são, geralmente, retratadas da seguinte forma: não confiáveis, propensas à infidelidade, e/ou à falta de moralidade; personagens que usam o sexo como meio de manipulação ou não possuem a capacidade de manter relacionamentos duradouros; possuem comportamento autodestrutivo; e a atração dessas personagens por mais de um gênero é abordada como temporária e raramente retomada ao longo do enredo.

Ainda em termos de estatísticas e representação, a partir dos dados de extenso levantamento sobre autoras/es e personagens de romances brasileiros publicados entre os anos de 2005 e 2014, retirados da pesquisa **A personagem do romance brasileiro contemporâneo**, coordenada pela prof^a Regina Dalcastagnè, nota-se que em um conjunto de 303 romances, com 1140 personagens analisadas, 50 personagens são identificadas como bissexuais, das quais 32 das personagens são mulheres, e 18 homens. E, a maioria dos autores são homens, de um total de 39 romances, 23 foram

escritos por autores e 16 por autoras, sendo que, Carola Saavedra, Flávio Braga e Marcelo Carneiro Cunha aparecem duas vezes, cada, como autores.

É deste conjunto de 39 romances, que retiro o objeto de análise deste trabalho. Escolhi o livro *Luzes de emergência se acenderão automaticamente* (2014), de Luisa Geisler, pela posição ocupada pela personagem na narrativa, simultaneamente narradora e protagonista, e pela bissexualidade, envolvimento sexual e afetivo com mais de um gênero ao longo da história pelo protagonista. Dando destaque ao desenvolvimento psicológico, romântico e sexual do protagonista na narrativa.

O enredo do livro traz a luz Henrique, apelidado Ike, um jovem adulto, que divide seu tempo entre a faculdade, o emprego de atendente em uma loja de conveniências e namoro com Manu, na cidade de Canoas. O melhor amigo de Henrique, Gabriel, acaba se acidentado, batendo a cabeça e entrando em coma. Com a ausência do amigo e da sensação de incapacidade diante da situação, Henrique decide escrever cartas atualizando o amigo sobre tudo que acontece, para quando Gabriel acordar.

As cartas de Henrique a Gabriel, não são longas, estão situadas em meio ao cotidiano de Henrique, entre as pausas no trabalho entediante e cansativo, o namoro, as atividades do dia e as lembranças da amizade dos dois. Por vezes, relatam a ausência de Henrique e a culpa por não estar mais presente para apoiar Gabriel e a família. Como se, de algum modo, as cartas fossem mais uma justificativa para o próprio Henrique, uma forma de dizer a si mesmo que apesar da ausência, o amigo internado continuava junto dele.

Por meio das cartas escritas por Henrique, temos a sensação de estarmos acompanhando alguém comum com seus afazeres, que atravessado por uma tragédia busca maneiras de lidar com ela, passando por variados estágios do trauma desde a culpabilização de Gabriel pela queda de uma rede, até uma fase na qual há uma descrença na melhora do amigo.

Entre os escritos sobre dias de trabalho e lembranças de Gabriel, Henrique nos apresenta Manu, sua namorada, descrita como não dotada de beleza, mas com ótimo senso de humor, alguém que “ria, aliás, como faz muito tempo que não ri (GEISLER, 2014, p. 71).” Manu é descrita como uma moça que antes ria, mas que, por algum

motivo ignorado por Henrique, passou ao descontrole emocional e a depressão. Uma namorada que se diferencia de todas as anteriores por não saber a distinção entre hidratante e pasta de dente, muito prática e despreocupada com a aparência que, porém, como todas as ex-namoradas de Henrique, tem transtorno obsessivo com datas (2014, p. 75).

Para o protagonista, o relacionamento com uma namorada significa não apenas estar ao lado de alguém que o apoie e ame, mas, o enquadramento nesse padrão social permitiria uma segurança, nos termos dele “ me sinto confiante com uma namorada, quase como se tivesse um carimbo de Aprovado pela Sociedade e pelo Inmetro (2014, p. 76) ”. Ser visto com uma namorada possibilitaria a Henrique uma liberdade, um não ter que se explicar para os outros. Pois, um relacionamento heterossexual não seria socialmente questionável, não haveria problemas em estar na norma.

Relação de conforto esta que se desestabiliza, a partir da entrada de Dante na história. Dante um estudante de comunicação, abertamente gay, que recentemente terminou um namoro e que, assim como Henrique, é amigo de Scila. Num feriado, de carnaval, no qual Henrique esquece que havia marcado de acompanhar Manu numa prova, o protagonista acaba viajando com um grupo de amigos para uma casa de praia. E, dentre as pessoas desse grupo, está Dante. Ao ser apresentado, ao longo da viagem, Dante aparece como um rapaz mimado, de classe média, que faz comentários machistas e, portanto, nos termos de um dos integrantes do grupo de amigos, Pedro, seria uma “bicha heteronormativa” (GEISLER, 2014, p. 89).

A reviravolta se dá quando, após a ingestão de cogumelos alucinógenos, em meio a uma festa, na casa de praia, entre grupo de amigos, Dante e Henrique dançam abraçados e acabam se beijando. Ainda que a experiência possa ser pensada como um caso atípico, fora do cotidiano de Henrique e que, por isso, se justificaria como um episódio na vida de um jovem adulto, heterossexual vivendo experiências sexuais diversas na juventude, essa expectativa é quebrada na medida em que o relacionamento com Dante se aprofunda. E, passa a fazer parte do dia-a-dia e do desenvolvimento psicológico e emocional do personagem principal.

Entretanto, dentro da própria narrativa, a sexualidade de Henrique só se mostra possível dentro da hetero ou da homossexualidade. Seja pela fala do próprio Henrique,

seja pelas falas das personagens que o cercam, a possibilidade de uma bissexualidade não é sequer mencionada ou cogitada na história.

Na viagem à casa de praia, por exemplo, em um dado momento reunidas enquanto preparam o café da manhã Renata, Priscila e Thaís conversam sobre Dante e Henrique, especulando se os dois teriam ficados juntos na noite anterior, já que, haviam sido vistos dançando abraçados. E, quanto Thaís e Priscila concordam com o fato de que Henrique e Dante “queriam se pegar (GEISLER, 2014, p. 118)”, são interpeladas pela pergunta “Mas ele não tem namorada?(GEISLER, 2014, p. 118)”, feita por Renata. Confirmando o pensamento de Henrique, de que o fato de ter uma namorada é em si socialmente inquestionável, pois, há uma adequação à “normalidade” sexual. Entrando, assim, na lógica monossexual, na qual quem se relaciona com alguém do mesmo gênero é, necessariamente, homossexual, gay ou lésbica, e quem se relaciona com alguém de gênero diferente do seu próprio é, necessariamente, heterossexual.

O próprio Henrique confirma esta mesma lógica ao afirmar que

Porque eu tenho namorada. Porque eu sei do que eu gosto. E, acima de tudo, porque eu não vou dar o cu [...] p.s. tudo bem ser gay, só não seja gay perto de mim. p.s. 2 o que ele esperava que eu fizesse? O que ele queria? Sei lá, queria que eu contasse que ia virar gay? [...] p.s. ele não fica enchendo o saco com o que come mas (não sei quando) me disse que gosta de correr. p.s. 2 toma cerveja. p.s. 3 até diria que é hetero (GEISLER, 2014, 126-137).

Com isso, é possível notar além das noções monossexuais, o preconceito e/ou homofobia que delineiam a perspectiva de sexualidade de Henrique. Para este personagem ser gay significa ser assediador, falar de jeito afeminado, usar roupas estilosas, encher o saco com maquiagem, creminho e fazer luzes (GEISLER, 2014, p. 127).

O mesmo tipo de estereótipo lesbofóbico aparece em relação a Priscila, que aos olhos de Renata só pode ser lésbica por conta das unhas curtas, o cabelo em tamanho médio, sobrancelhas malfeitas e do cheiro de cigarro de menta e que assedia todas as mulheres, que, de acordo com Renata é “lésbica, mas muito é simpática” e prestativa por lavar a louça (GEISLER, 2014, p. 118).

Há na narrativa lugares delimitados para o que são relacionamentos heterossexuais e homossexuais. Sendo o primeiro, o lugar inquestionável, confortável, representado pela namorada, Manu, que por vezes, desaparece das cartas que Henrique escreve a Gabriel. Aparece, porém, sempre no lugar da “normalidade”, que de tão normal acaba sendo negligenciada pelo protagonista, que coloca a namorada como a moça emocionalmente instável, que ele não entende o porquê de estar tomando antidepressivos e frequentando grupos de apoio psicológico, mas, que ele também não se preocupa em saber, pois, a enxerga como forte e risonha. A própria personagem descreve o modo como Henrique a percebe “É que tu tem na cabeça uma imagem de mulher que só existe nos vídeos burros do Youtube. A louca, a emocional (GESILER, 2014, p. 178)”.

O segundo é o lugar da homossexualidade representado por Dante, a pessoa a quem Henrique não quer ser associado, mas que, contudo, relata gostar de conversar e ter vontade de apresentar ao amigo Gabriel, caso ele acordasse do coma (GEISLER, 2014, p. 187). Henrique não acredita na possibilidade do relacionamento entre ele e Dante ser algo concreto ou levado a sério, tratando de um homem gay, classe média, branco, um tanto esnobe e elitista, que já viajou o mundo, Dante é apresentado como alguém muito distante da realidade e do mundo de Henrique, que, muitas vezes, se sente inferiorizado pela perspectiva de Dante.

Henrique se relaciona amorosa e sexualmente com Dante, sempre afirmando que não se trata de traição, pois, já havia brincado com Manu que “traição com mulher não contava (se eu tivesse junto talvez não contasse mesmo) (GEISLER, 2014, p. 221)”. Como se qualquer relacionamento com uma pessoa do mesmo gênero não tivesse a chance de se desenvolver como algo concreto e afetivo.

O relacionamento com Dante ocupa o espaço da negação, mesmo quando Henrique diz sentir a necessidade de estar perto do rapaz, e mesmo em momentos de intimidade entre os eles, há alguma forma de negação: “p.s. 5 (não dormimos de conchinha antes que tu ache que foi gay). Dormimos de frente um para o outro da forma mais hetero possível (GEISLER, 2014, p. 224)”. Em suma, para Henrique, a ideia de que ele e Dante possam parecer e agir como um casal é irritante (GEISLER, 2014, p.280). Ao mesmo tempo que lhe parece impossível dizer “eu te amo” à Dante, lhe

parece estranho dizer “eu não te amo”, como se fosse óbvio e possível amá-lo apenas a partir dos gestos e ações sutis, mas, não por meio de palavras e expressões abertas e explícitas para todos.

Se para Manu e Dante os espaços são explicitamente definidos, para Henrique resta o não dito. Talvez, por escolha, mas, creio, principalmente, pelo mecanismo apresentado anteriormente como apagamento bissexual. A bissexualidade não seria apresentada na narrativa como termo de identificação possível devido ao fato de que, de modo geral, a sociedade pensa e historiciza as sexualidades de modo binário e dicotômico, homossexualidade *versus* heterossexualidade. Estando a bissexualidade fora desse binarismo, a chance de que esta apareça como sexualidade socialmente válida é deslegitimada e apagada.

Durante uma discussão e despedida entre Dante e Henrique, Henrique narra o modo como Dante percebe a sexualidade de Henrique:

Ele diz que eu preciso amadurecer (e ele não sorriu ao falar), me entender mais, em especial sexualmente. Ele diz que eu pareço aquelas crianças que odeiam chocolate, daí chega um bolo de chocolate, daí a criança prova e fica toda preciso-provar-um-pouquinho mais-só-para-ter-certeza. Daí ele diz, tu serve uma fatia nova para ti e deixa a pessoa comer o chocolate (GEISLER, 2014, p. 288).

Ao resumir desta maneira a sexualidade de Henrique, Dante deixa subentendido o fato de que há uma necessidade de certeza, de tomada de decisão por parte de Henrique. Quando pensada no âmbito da bissexualidade, esse tipo de afirmação se torna uma pressão social real, no sentido de que as representações de bissexualidade, em sua maioria, como demonstrado pelo relatório da GLAAD (2016), são de personagens tidas como indecisas e/ou pouco confiáveis.

Ainda que dentro da narrativa de *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*, a bissexualidade seja impensável e impronunciável pelo protagonista e pelas personagens secundárias, o fato de Henrique construir relacionamentos, românticos e sexuais, profundos tanto com sua namorada, Manu, quanto com Dante, possibilita uma leitura de bissexualidade na narrativa. Contudo, é importante frisar que o fato do termo “bissexual” não aparecer explicitamente talvez dificulte uma leitura de

Henrique como tal, visto que, dentro de uma sociedade com perspectiva hegemonicamente monossexual e heteronormativa poderá ser classificado como “heterossexual confuso” ou “gay enrustido”.

O que diferencia esta narrativa é o fato de que, nela os relacionamentos de Henrique são parte importante na construção da história da personagem. O relacionamento com Dante, por exemplo, por mais conflitante que seja não é apenas uma menção, é intenso e constante na vida de Henrique. O mesmo se dá com a namorada, Manu, a relação entre ela e Henrique é parte significativa da identidade dele. Não há na história uma disputa para saber qualquer relacionamento importa mais, mas sim a construção de significados diferentes e completos em seu modo de significar.

Ao finalizar sua narrativa dizendo “p.s. 13 Ele não entende que Canoas é pra mim exatamente o que ela é pra linha do trem. Só a metade do caminho (GEISLER, 2014, p. 288)”, Henrique, talvez, esteja dizendo não apenas sobre seus objetivos de vida, mas, também sobre as possibilidades de se ser completo e incompreendido no entre lugar. Lugar este que também tem sido ocupado pela bissexualidade.

REFERÊNCIAS

- GEISLER, Luisa (2014). **Luzes de emergência se acenderão automaticamente**. Brasil: Editora Objetiva/Alfaguara.
- GLAAD’S ENTERTAINMENT MEDIA TEAM. **The Where We Are on TV?** (2015). Disponível em: <<https://www.glaad.org/whereweareontv15>>. Acesso em 10/06/2017, às 14:30.
- GLAAD’S ENTERTAINMENT MEDIA TEAM. **The Where We Are on TV?** (2016). Disponível em: <<https://www.glaad.org/whereweareontv16>>. Acesso em 10/06/2017, às 20:00.
- LEWIS, Elizabeth Sara (2012). **Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- WEEKS, Jeffrey (2007). O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica.
- YOSHINO, Kenji (2000). **The Epistemic Contract of Bisexual Erasure**. Stanford Law Review: Stanford Law School.